

Representações midiáticas de telejornais brasileiros sobre a tragédia na região Serrana do RJ

TAVARES, Guilherme Vallera. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Unesp de Bauru-SP.

RESUMO

No início de 2011, a Região Serrana do Rio de Janeiro foi castigada por fortes chuvas. Deslizamentos de terra soterraram casas e pousadas, deixando quase mil mortos. A tragédia causou comoção, potencializada pelo tom adotado pelos principais meios de comunicação do país. A proposta deste estudo é analisar como dois dos principais telejornais do Brasil realizaram a cobertura desse desastre. Foi feito um estudo comparativo das edições do Jornal Nacional, da Rede Globo, e do Jornal da Record, da emissora homônima, no dia 13 de janeiro, a partir de uma análise de enquadramento. O conteúdo foi observado a partir da ótica das representações midiáticas e notou-se mais intensidade na descrição das tragédias, dos dramas individuais e de um determinismo climático do que reflexões acerca das responsabilidades políticas sobre prevenções de desastres naturais.

Palavras-chave: representações midiáticas; telejornalismo; enquadramentos noticiosos; região Serrana do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

No começo de 2011, os brasileiros acompanharam imagens chocantes pelos telejornais, que impressionaram pela extensão e dimensão. Uma tragédia de grandes proporções atingiu a região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, deixando mais de 900 mortos. Chuvas fortes provocaram inundações e deslizamentos de terra em vários municípios fluminenses, principalmente nos dias 11 e 12 de janeiro. O resultado foi classificado como o maior desastre climático da história do Brasil.

Nos primeiros momentos, os telejornais limitaram-se a mostrar apenas a extensão dos danos e em contabilizar os corpos em vez de refletir sobre as causas e os processos históricos que permitiram que aquela área fosse tão castigada pelos temporais.

Neste trabalho, o objetivo é avaliar como que dois dos principais telejornais brasileiros – o Jornal Nacional (JN), da Rede Globo, e o Jornal da Record (JR), da emissora homônima – representaram a tragédia que atingiu a região Serrana do Rio de Janeiro. Os programas foram observados a partir do referencial teórico das representações midiáticas. Ao analisar a cobertura feita pelas duas emissoras foi possível notar contrastes e semelhanças entre suas produções jornalísticas.

JORNALISMO: REPRESENTANDO O MUNDO

A ideia de representações é antiga, aparecendo já no século XII por meio do termo “representação mental”, entendida como processos de formação de conceitos no interior da mente. No século XIX ganha uma nova dimensão e passa a considerar o papel das estruturas sociais e dos processos históricos na confecção das representações (SOARES, 2007). Karl Marx e Friedrich Engels apontavam a importância da sociedade na formulação das ideias a partir do conceito de ideologia, o qual previa que havia influência das estruturas sociais na formulação das representações de uma dada época histórica. Na perspectiva da análise do discurso, Fiorin (2000) utiliza os conceitos de formação ideológica e discursiva para tratar da incidência desse problema no texto:

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem idéias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem lingüística. É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos. Por isso, o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer. (FIORIN, 2000, p. 32)

O pensamento hegemônico de um dado momento histórico seria aquele pertencente à classe dominante – que Marx e Engels consideram ser o segmento determinado pelo poder econômico. Esse conceito foi revisto por outros autores no século XX, como Serge Moscovici, que ampliou o entendimento sobre a construção das representações dentro da sociedade e ofereceu uma dimensão mais abrangente para a formação desses processos. Moscovici não se limitou apenas a ver o pensamento dominante na construção dos discursos, pois considerou também os vários elementos presentes cotidianamente que compõem o escopo de figuras que colaboram na formação das representações dos indivíduos:

A teoria das representações sociais de Serge Moscovici nasce em 1961 (...) e se distingue por sugerir a existência de um pensamento social resultante das

experiências, das crenças e das trocas de informações presentes na vida cotidiana, visando desenvolver uma teoria menos individualista que a psicologia social norte-americana e, também, um posicionamento mais sociológico para a psicologia social, mediadora entre o homem e seu meio (MOSCOVICI; 1961: 10-11). Sua análise foi desenvolvida a partir da confiança que a sociedade atual, mais técnica e complexa, necessitaria de um outro conceito, menos genérico que as representações coletivas de Durkheim, para acompanhar, explicar e tentar compreender como ocorre a formação do pensamento e do conhecimento social. (PAVARINO, 2004, p.131)

Outra importante contribuição foi dada pelo pensador francês Michel Foucault, que mostrou como que os discursos não são falas individuais, mas sim sistemas de representação capazes de produzir conhecimento sobre um assunto num dado momento histórico. Esse conceito é compartilhado por outros linguistas, que veem os discursos como construções coletivas. É o caso de Fiorin, para quem:

(...) o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social. Esses elementos surgem a partir de outros discursos já construídos, cristalizados e cujas condições de produção foram apagadas. Esses elementos semânticos, assimilados por cada homem ao longo de sua educação, constituem a consciência e, por conseguinte, sua maneira de pensar o mundo. Por isso, certos temas são recorrentes na maioria dos discursos: os homens são desiguais por natureza; na vida, vencem os mais fortes; o dinheiro não traz a felicidade etc. (FIORIN, 2000, p.19)

Stuart Hall (apud ROCHA, 2008) considera as representações como uma construção social, feitas a partir do compartilhamento de conceitos entre as pessoas. “A representação é uma construção simbólica e intersubjetiva que auxilia os sujeitos a compreenderem o contexto em que vivem” (HALL apud ROCHA, 2008, p.88). Contemporaneamente, os meios de comunicação têm sido analisados na perspectiva das representações, com destaque para a televisão, que, tendo em vista seu grande alcance, pode ser considerada um dos principais agentes do processo de orientação da formulação de representações sociais.

Por intermédio de filmes, ficções seriadas, videoclipes, noticiários, reportagens e anúncios, entre outros artefatos, as indústrias da cultura fornecem descrições textuais e visuais daquilo que é socialmente conveniente em termos de personalidade, aparência, conduta moral e cívica, postura política, relacionamento afetivo e comportamento sexual – modelos e recursos simbólicos a partir dos quais o público pode construir o seu senso do que significa ser, neste exato momento, “moderno”, “civilizado”, “cidadão”, “vitorioso”, “responsável”, “belo”, “atraente”... A avaliação que os indivíduos fazem de si mesmos e de seus interesses, sob o fluxo crescente dos referenciais midiáticos, interfere substancialmente, por sua vez, nas

demandas políticas que expressam ou deixam de pleitear, com consequências bastante concretas no tocante à distribuição de riquezas, prestígio e oportunidades de educação, emprego e participação na vida pública. (FREIRE FILHO, 2006, p. 08)

É por sua pretensão de verossimilhança que a TV se constitui numa poderosa arma de influência sobre a sociedade, usando sua retórica para conquistar pontos de audiência na medição do Ibope, uma vez que as informações jornalísticas são construídas com base nas imagens coletadas no mundo real, que são editadas antes de entrarem no ar. Os programas jornalísticos usam a retórica a fim de convencer a audiência, uma vez que os fatos que rotineiramente figuram no elenco de matérias de um veículo de comunicação são narrativas interpretativas. São discursos dialéticos, que pressupõem questões prováveis, controversas. Essas representações entram em circulação e constroem um verdadeiro “ambiente simbólico”, dentro do qual se processa o pensamento: “um discurso se faz antes de outro discurso e supõe um discurso posterior que pode ser imediato ou retardado ou ficar em aberto. Isso acontece em razão da matéria do discurso ser dialética” (TRINGALI, 1988, p.19).

Em seu esforço de cativar a audiência, os jornalistas produzem textos que são representações dos fatos, de modo que não são os fatos em si que são vistos na tela da TV, mas sim uma construção narrativa possibilitada pelas tecnologias de comunicação. Entretanto, essas narrativas ainda não podem ser consideradas isentas, uma vez que cada indivíduo, para produzir uma representação de um determinado fato, ancora-se em uma gama de conceitos previamente adquiridos. Ou seja, para interpretar um fato, processar uma informação e posteriormente construir uma comunicação a respeito, o indivíduo recorre às suas próprias representações, historicamente edificadas e acumuladas.

Ela, a comunicação, não será nunca a pura representação, nem simples representação, mas sim a representação da representação (...) O saber ver e o saber entender estão ligados à razão, independentemente da palpabilidade de qualquer coisa. Num mundo de representações, que é o mundo da mídia tradicional, o jornalista rerepresenta as representações de outrem para os outros. Ele encaixará nelas a sua própria representação, a qual manipula, maneja, hierarquiza as representações que lhe foram feitas pelas diversas fontes consultadas. Ele rerepresenta com sua capacidade de representar. (COSTA, 2008, p.38-40)

Esse conceito parece convergir com as ideias de Moscovici (representações sociais) e de Foucault (*epistème*), à medida que se observa como os jornalistas, em sua condição de produtores de notícias, constroem representações sobre os fatos a partir de

uma perspectiva ideológica, trazidas pelas relações sociais de que participam. É possível demonstrar esse fato pela simples consideração de que reportagens são construídas com base nas declarações de fontes de informação entrevistadas.

CENÁRIO DE DESTRUIÇÃO

Os verões brasileiros são costumeiramente marcados por fortes chuvas, tempestades que devastam cidades e causam prejuízos. São eventos climáticos tão típicos quanto as pautas temáticas dos jornais de todo o país, que ajudam a população a contabilizar os mortos e os desabrigados a cada estação. Nas palavras do jornalista Luciano Martins Costa (2011, arquivo digital), “há muito tempo se diz em tom de anedota, nas redações, que o verão é o tempo de ativar a editoria de enchentes”.

Em 2011, as tempestades castigaram de forma severa a região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, localizada a norte e a nordeste da capital. As médias de precipitação históricas para a região foram extrapoladas. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), só Nova Friburgo contabilizou 447,6 mm de índice pluviométrico nos primeiros 18 dias do ano, quando o esperado para todo o mês de janeiro eram 224,2 mm, conforme a média histórica (PORTAL TERRA, 2011). Os municípios de Teresópolis, Nova Friburgo, Petrópolis e São José do Vale do Rio Preto foram os mais atingidos e as chuvas deixaram números impressionantes nessas localidades: cerca de 9 mil desabrigados, 21 mil desalojados e 905 mortos (Folha.com, 2011). A região caracteriza-se pelos morros e encostas, em uma área onde vivem cerca de 660 mil habitantes. Cidades como Teresópolis e Nova Friburgo eram pontos turísticos e várias das áreas atingidas eram hotéis e pousadas. Em um desses estabelecimentos, oito pessoas da mesma família morreram.

Os cenários ficaram irreconhecíveis. Onde antes havia casas, só se viam lama e destroços. Imóveis inteiros foram tragados pelos rios que subiram de nível. Carros foram arrastados; casas, cobertas de lama até o telhado; e dispositivos públicos, arrasados – se não pelas enchentes, pela terra que desceu dos morros como avalanches.

Não havia equipes de resgate em número suficiente para atender a todos os chamados, não por falta de estrutura, mas por causa da enorme dimensão da tragédia. Como os deslizamentos destruíram diversas rodovias, ruas e avenidas, o acesso das equipes do corpo de bombeiros a muitas áreas ficou impossibilitado – sendo alcançadas

apenas por helicóptero. Muitas das vítimas contaram com a ajuda dos vizinhos e outros moradores para serem resgatadas – que por vezes não dispunham de nenhum tipo de ferramenta e tiveram de cavar com as próprias mãos. Os relatos dramáticos dos repórteres mostravam grupos de pessoas carregando corpos morro abaixo e pessoas feridas sendo transportadas com dificuldade por outras vítimas menos graves.

Parte das milhares de vítimas que tiveram suas casas destruídas ficaram alojadas em ginásios das cidades e tiveram de receber doações. O Exército montou um hospital de campanha em Nova Friburgo para dar conta de atender aos feridos, uma vez que o hospital local foi invadido pela água. Empresas inteiras foram destruídas, o que acarretou altos prejuízos à economia local.

Em resposta à tragédia, o Governo Federal, representado pela presidente Dilma Rousseff (PT), decidiu liberar mais de R\$ 1 bilhão para as cidades fluminenses atingidas (Diário de Teresópolis, 2011), assim como liberou saques ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS – para as vítimas (ALVARENGA, 2011) e antecipação de auxílios, como o Bolsa Família (MALTCHIK, 2011).

A TRAGÉDIA VISTA PELA TV

A cobertura pela TV teve início já no dia 12 de janeiro. O assunto esteve presente em todos os telejornais brasileiros, bem como estampou capas de jornais e sites de informação. Mas foram as edições do dia 13 que deram maior destaque à tragédia, quando a chuva diminuiu e as equipes de reportagem transitaram pelo local em busca das melhores fontes de informação. O que se observou nos jornais nos dias consecutivos foram inúmeras imagens aéreas, panorâmicas que identificavam as áreas atingidas e a destruição que deixou esses quatro municípios irreconhecíveis – pelo menos nos ângulos para os quais as câmeras apontavam.

A fim de analisar quais foram as representações feitas pelo telejornalismo, foram observados dois dos telejornais com maior audiência no início da noite, que costumam alcançar a maior faixa de espectadores. Um deles é o JN, principal programa jornalístico da Rede Globo, exibido de segunda a sábado por volta das 20h30. O outro é o JR, principal telejornal da emissora homônima e concorrente direto do JN. Além de travar uma batalha pela audiência no mesmo horário, a Rede Record fez seu telejornal aos moldes do concorrente – o resultado são identidades visuais semelhantes, com dois ex-

apresentadores da Globo sentados na bancada e a busca pelo mesmo padrão de qualidade.

Para a análise, foram selecionadas as edições do dia 13 de janeiro, uma quinta-feira. O JN apresentou quatro blocos, divididos em um tempo total de 46 minutos e 37 segundos – excetuando-se os blocos comerciais, foram 36 minutos e 11 segundos. O programa começou por volta das 20h40 e terminou perto das 21h20. O JR iniciou-se por volta das 20h e foi interrompido às 20h30 para o horário eleitoral, retornando às 20h40 e prosseguindo até as 21h. Também foi composto por quatro blocos e teve um tempo total de 50 minutos e 20 segundos. Se descontados os intervalos, o tempo total de produção foi de 37 minutos e 2 segundos.

Os telejornais tiveram números diferentes na quantidade de reportagens exibidas: no JN, foram 13 reportagens, sendo as 13 sobre a tragédia na região Serrana do Rio; já no JR, foram 11 reportagens, sendo 9 sobre a tragédia.

Toda a cobertura dessa edição do JN foi dedicada às tragédias que atingiram os municípios fluminenses. No telejornal concorrente, menos reportagens foram exibidas, sendo que duas delas reportavam outros fatos: um VT¹ sobre problemas de buracos na capital paulista e outro sobre as chuvas que atingiram Franco da Rocha, município a 43 quilômetros de São Paulo, que ficou debaixo d'água depois do vazamento de uma barragem que encheu depois das tempestades.

Ainda avaliando as reportagens veiculadas pelas duas emissoras em seus programas, vale comparar o conteúdo geral de cada uma delas.

a) Espelho² das reportagens exibidas no JN:

VT 1 – resgate de Dona Ilair, moradora de São José do Vale do Rio Preto, feito por moradores;

VT 2 – panorama da situação da cidade de Dona Ilair, destruída pelas chuvas;

VT 3 – resgate do bebê Nicholas, que ficou soterrado e saiu ileso, junto ao pai;

¹ No jargão telejornalístico, VT é a sigla utilizada para Videotape, uma unidade audiovisual que geralmente corresponde a uma reportagem ou uma nota coberta a ser exibida no noticiário.

² Ainda na linguagem utilizada nas redações de telejornais, o espelho é a relação de elementos audiovisuais que formam uma determinada edição do telejornal. Geralmente composto de escalada (sequência de assuntos chamados na abertura do telejornal), notas (textos lidos pelos apresentadores na bancada), reportagens (vídeos gravados pelos repórteres e cinegrafistas e editados na emissora), cabeças (textos lidos pelos apresentadores para chamar as reportagens) e links (participação de outros jornalistas e/ou convidados em local externo ao estúdio onde é apresentada a edição). Para essa análise, só foram listadas as reportagens exibidas.

- VT 4 – situação de Nova Friburgo, cidade mais atingida na região;
- VT 5 – trabalho do Instituto Médico Legal (IML), local e as pessoas que procuram parentes e amigos;
- VT 6 – situação no Vale do Cuiabá, em Petrópolis;
- VT 7 – estragos provocados no Caleme, bairro de Teresópolis, e a situação da jovem grávida que foi socorrida pelo Globocop, helicóptero da Rede Globo;
- VT 8 – panorama dos estragos registrados em Petrópolis;
- VT 9 – explicação técnica para as chuvas e questionamentos sobre a falta de ações preventivas das autoridades;
- VT 10 – reportagem estendida para informar a situação climática atual e a previsão do tempo para os próximos dias;
- VT 11 – divulgação dos dados do “Contas Abertas” sobre a suposta falta de investimentos em prevenção de desastres na região;
- VT 12 – visita da presidente Dilma Rousseff e informações sobre as medidas a serem tomadas pelo governo;
- VT 13 – situação em Teresópolis, município seriamente atingido pelas chuvas;

b) Espelho das reportagens exibidas no JR:

- VT 1 – situação de Nova Friburgo;
- VT 2 – panorama dos estragos registrados em Petrópolis;
- VT 3 – trabalho do IML local e as pessoas que procuram parentes e amigos;
- VT 4 – situação no Vale do Cuiabá, em Petrópolis;
- VT 5 – imagens do teleférico destruído em Nova Friburgo e da situação dos comerciantes locais;
- VT 6 – situação dos buracos no asfalto da capital paulista;
- VT 7 – situação em Teresópolis e o resgate do bebê Nicholas;
- VT 8 – situação em Franco da Rocha, cidade paulista arrasada pelas chuvas;
- VT 9 – estragos provocados no Caleme, bairro de Teresópolis;
- VT 10 – visita da presidente Dilma Rousseff e informações sobre as medidas a serem tomadas pelo governo;
- VT 11 – situação em Teresópolis;

A comparação entre os espelhos de reportagens referentes à tragédia carioca permite contabilizar 14 VTs com assuntos em comum: sete no JN que têm correspondência a outros sete exibidos no JR. De todos os assuntos do JR, o JN só não trouxe informações sobre o teleférico de Nova Friburgo. O JR, por sua vez, não trouxe informações sobre São José do Vale do Rio Preto e nem sobre o resgate de Dona Ilair, cujas imagens eram exclusivas da Globo.

Depois de uma primeira observação do material e da comparação entre os principais assuntos reportados, foram criadas seis categorias de análise, a fim de compor um quadro comparativo mais detalhado. Essas categorias foram pensadas a partir tanto de elementos comuns aos dois telejornais quanto sobre questões fundamentais da atividade jornalística, que prevê abordar algumas questões básicas em qualquer tipo de cobertura: descrever o quê aconteceu; apontar as causas, ou seja, fazer um diagnóstico; e indicar as próximas etapas, o que corresponde a um prognóstico. Em decorrência da natureza das informações, foram criadas duas subcategorias para cada uma dessas três, totalizando seis tipos de enquadramentos noticiosos.

CATEGORIAS DE ANÁLISE

1) DESCRIÇÃO

- CENÁRIO – detalha situação dos locais atingidos, mostra os danos sofridos e oferece um panorama da situação das pessoas do local;
- VÍTIMAS – descrição de problemas particularizados de vítimas da tragédia, histórias pontuais;

2) DIAGNÓSTICO

- CLIMA – explicações dos fenômenos naturais para as enchentes;
- ESTADO – debate políticas públicas sobre as causas dos problemas;

3) PROGNÓSTICO

- AJUDA GOVERNAMENTAL – posicionamento oficial dos governos para reparar/minimizar os impactos da tragédia;
- SERVIÇO – informações úteis aos telespectadores sobre o quê deve ser feito para ajudar as regiões;

Para dividir os telejornais nessas categorias, foi levado em consideração o caráter da informação que foi veiculada, considerando cada segundo das reportagens, vinhetas, cabeças em estúdio, participações em links e notas. Foram descartadas da análise as escaladas, as passagens de bloco, os materiais institucionais (VTs de chamada de outros programas da própria emissora) e os encerramentos, pois foram considerados elementos que não traziam informações sobre os fatos que estavam sendo noticiados. Os resultados obtidos foram:

CATEGORIAS	JORNAL NACIONAL	JORNAL DA RECORD
Cenário	16min06s	26min03s
Vítimas	9min07s	3min37s
Clima	4min04s	1min53s
Estado	4min21s	0min00s
Ajuda Governamental	2min30s	2min20s
Serviço	0min30s	3min09s
TOTAL	36min11s	37min02s

Ambos os programas tiveram tempos totais próximos, com diferença de 51 segundos para o JR. Entretanto, observa-se que esse programa dedicou mais tempo para descrever a situação do local e das vítimas gerais da tragédia do que o concorrente, enquanto o JN apoiou a construção da edição sobre as histórias particularizadas das vítimas. O JR não debateu as responsabilidades do Estado, delegando a responsabilidade dos desastres praticamente à sorte da natureza, ao passo que dedicou mais tempo para informar maneiras que a população teria para ajudar os desabrigados.

A cobertura do JN para os acontecimentos na região serrana fluminense foi bastante modificada para os padrões da emissora. O jornal começou sem escalada e a edição foi praticamente toda apresentada diretamente de Teresópolis, por meio de link. Em vários momentos de suas matérias, os textos foram feitos de improviso pelos repórteres, narrando os cenários enquanto andavam pelos escombros, em vez das tradicionais narrações em *off*³ escritas e gravadas posteriormente à captação de imagens. Esse recurso também foi usado pelos repórteres da Record, que, enquanto passavam pelos locais, iam descrevendo as cenas. Entretanto, isso foi realizado com mais parcimônia do que o programa rival.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que a Globo deu grande destaque

³ *Off* é o nome dado para o texto gravado pelo repórter em áudio que é inserido na reportagem e posteriormente coberto com as imagens captadas pelo cinegrafista para a montagem da reportagem.

para histórias particularizadas de algumas vítimas das tragédias da região Serrana, especialmente para Dona Ilair, moradora de São José do Vale do Rio Preto que foi salva pelos vizinhos. As duas primeiras reportagens da edição foram dedicadas a esse assunto, que juntas somam 4 minutos e 3 segundos. As imagens foram fartamente exploradas, pois eram exclusivas da Rede Globo: um cinegrafista da emissora de TV afiliada local estava próximo à casa da vítima no momento em que ela quase foi tragada pelo rio que subia furiosamente, atingindo o terraço de sua residência. De um ângulo privilegiado e em um local seguro, o cinegrafista gravou todo o salvamento improvisado pelos vizinhos, que jogaram uma corda, a qual a mulher usou para amarrar em volta do corpo e saltou para as águas com um cão nos braços. O animal acabou levado pela forte correnteza e a mulher, içada por dois homens até o telhado da casa ao lado, mais alta que a dela. As imagens do resgate, que já haviam sido exibidas em outros programas jornalísticos da emissora, voltaram a passar no quarto bloco, quando o JN mostrou a repercussão que os desastres no Rio de Janeiro tiveram na imprensa mundial, destacando a exibição do vídeo no site do New York Times, maior jornal do mundo.

Entre outras vítimas, a Globo também deu destaque para histórias particularizadas, somando 9 minutos e 7 segundos nessa categoria. Já a Record investiu mais tempo na descrição dos cenários da tragédia, totalizando 26 minutos e 3 segundos.

Diante desses dados, é possível inferir que ambos telejornais representaram os cenários dos municípios fluminenses como tragédias catastróficas, de grandes proporções. Ao passo que a Rede Globo usou histórias particularizadas de algumas pessoas como exemplos, a Record valeu-se mais das descrições generalizadas, várias imagens aéreas e panorâmicas para descrever a situação local.

É importante observar também que, no comparativo dessas duas edições, a Record mostrou uma versão mais limitada e determinista para explicar a tragédia, atribuindo a destruição desses locais apenas aos problemas causados pelas chuvas. Nesse ponto, a Rede Globo conseguiu ampliar o debate e usou pouco mais de 4 minutos para atribuir parcela de responsabilidade às autoridades, cujos governos não teriam feito os investimentos necessários em sistemas de prevenção de catástrofes. Nesse ponto, o ataque crítico foi especialmente direcionado ao governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (PMDB), ao inferir que ele falhou em não investir o dinheiro disponível para prevenção de desastres naturais. O JN também usou parte de seu espaço para

informar que as autoridades haviam sido avisadas pelos institutos meteorológicos sobre a possibilidade de fortes chuvas, mas que nenhuma medida foi tomada a tempo.

Sobre a cobertura da visita da presidente Dilma Rousseff, as duas emissoras apresentaram conteúdos semelhantes, descrevendo a visita e informando quais seriam as ações que o Governo Federal adotaria para minimizar os estragos.

A Record usou a maior parte do tempo de seus links para prestação de serviço público, informando meios das pessoas fazerem doações e divulgando quais eram os itens mais urgentes que as vítimas precisavam. Na Rede Globo, apenas no final do telejornal, em um link de 30 segundos, foi passada alguma informação sobre como as pessoas poderiam ajudar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a catástrofe sobre a região Serrana foi um evento climático de grandes proporções e que deixou a população horrorizada. É fato também que as equipes de jornalismo de diversas redações encontraram dificuldades em levantar informações, pois até o dia 13 as autoridades ainda não tinham números precisos sobre todos os danos sofridos nos quatro municípios mais atingidos.

Como os jornalistas trabalham constantemente pressionados pelos horários de fechamento das edições e o espaço limitado na grade de programação da emissora, o resultado são produtos midiáticos mais factuais do que analíticos. Porém, isso não isenta os telejornais de sua responsabilidade ou significa que o jornalismo que se faz é satisfatório.

É preciso destacar que o JR representou o acontecimento como uma catástrofe inevitável, sob um viés determinista, pois veiculou apenas informações sobre a descrição do local e sobre a situação das vítimas, pautando-se sobre um determinismo climático e explorando à exaustão imagens que mostravam a terra devastada. A Rede Globo, por sua vez, chegou a iniciar um debate crítico, mostrando responsabilidades nas esferas de governo para as tragédias, mas sem grande aprofundamento.

Nos dias subsequentes à tragédia, jornalistas e outros profissionais da comunicação começaram a debater qual o papel que a imprensa deveria assumir diante de um evento dessas proporções e quais deveriam ser as principais preocupações dos jornais em suas pautas de notícias.

A tragédia da região serrana do Rio de Janeiro indica que a imprensa brasileira precisa passar a tratar a prevenção nos casos de catástrofes naturais como um item permanente em sua agenda noticiosa, como já acontece no Japão, Costa Rica e Chile, por exemplo. (...) As tragédias de Teresópolis e Nova Friburgo, no Rio de Janeiro já não podem mais ser consideradas eventos ocasionais devido a frequência com que as chuvaradas estão ocorrendo em regiões urbanas do Brasil, especialmente no verão. E a cobertura desses eventos também não pode mais ser vista pelas redações como pretexto sazonal para shows tecnológicos, palco para performances individuais de repórteres e competição entre empresas jornalísticas. (...) A abordagem jornalística de prevenção de acidentes prevê um trabalho continuado de produção de informações voltadas ao interesse público e à preparação das comunidades para enfrentar situações especiais. Trata-se especialmente de usar a notícia para estimular a preocupação com ações coletivas e criar solidariedades, não apenas na hora da tragédia. (...) A preocupação com a prevenção reforça a idéia de jornalismo como serviço público, uma abordagem da profissão que hoje está quase sepultada pela visão mercantil e industrial das empresas de comunicação. (CASTILHO, 2011, arquivo digital)

Ao dedicarem mais espaço de seus telejornais apenas para descrever os estragos e mostrar imagens de corpos sendo carregados, Globo e Record produziram representações bem semelhantes sobre a tragédia, o que indica que esse pode ser um posicionamento hegemônico das emissoras brasileiras de TV aberta na cobertura noticiosa de grandes desastres. Ambos os telejornais preferiram explorar o viés dramático, buscando histórias tocantes, sentimentais – tanto que o espelho dos dois jornais se assemelha no conteúdo das matérias que foram exibidas.

A exploração dessas temáticas diminui a importância da contextualização dos problemas e o debate sobre medidas de segurança para as áreas. A exploração dos dramas humanos e a descrição das dimensões da tragédia são parte importante da narrativa, porém não é razoável que o JR, nesse caso, esgote suas informações apenas nesses direcionamentos.

O fenômeno não pode ser examinado exclusivamente no seu aspecto pluviométrico: à medida que o país se urbaniza os efeitos das chuvas são cada vez mais devastadores e prolongados. O número de mortes por afogamento é sempre inferior ao das vítimas dos deslizamentos em morros ocupados por construções irregulares. Significa que a temporada diluviana, embora concentrada na primavera-verão, estende-se ao longo do ano. (...) Nossa mídia foi condicionada pelos longos períodos de censura e autocensura a se comportar acriticamente, resignada aos "eventos extremos" e aos desígnios do Todo Poderoso. Como se ao lado de cada fatalidade não existisse um portentoso lastro de falhas humanas, irresponsabilidade, corrupção e incompetência. (DINES, 2011, arquivo digital)

Como a proposta desse trabalho era analisar apenas as edições dos telejornais do dia 13 de janeiro, a análise limitou-se a observar o tratamento noticioso desses dois veículos de comunicação em um curto espaço de tempo. Entretanto, sugere-se que em uma próxima cobertura de eventos catastróficos, esse tipo de análise seja ampliada para um escopo maior de edições dos telejornais a fim de verificar o acompanhamento mais extenso das emissoras de TV em suas coberturas, a fim de identificar a longo prazo se esses jornais propõem-se a debater políticas públicas e novas soluções para os problemas das chuvas no Brasil: “pode-se fazer muito com a informação. Muito mais do que simplesmente relatar os dramas das vítimas” (COSTA, 2011, arquivo digital).

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Darlan. Afetados por chuva podem solicitar FGTS a partir de quarta, diz Caixa. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/chuvas-no-rj/noticia/2011/01/afetados-por-chuva-podem-solicitar-fgts-partir-de-quarta-diz-caixa.html>>. Acesso em: 23 jan. 2011.

CASTILHO, Carlos. A prevenção como preocupação permanente da imprensa na cobertura de tragédias naturais. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/blogs.asp?id_blog=2&id={9F2B0E99-77B2-4F18-A458-914C83A8D84E}>. Acesso em: 17 jan. 2011.

COSTA, Caio Túlio. Jornalismo como representação da representação: implicações éticas no campo da produção da informação. In: **Líbero** – Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. Ano XI, n. 21. São Paulo: Cásper Líbero, 2008, p. 29-41.

COSTA, Luciano Martins. O fim do caminho. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=624IMQ014>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

_____. A natureza impõe sua pauta. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=624IMQ012>>. Acesso em: 23 jan. 2011.

_____. O cotidiano de tragédias. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=624IMQ011>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

DINES, Alberto. A banalidade das enchentes, crateras e desabamentos. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=624IMQ001>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo (Orgs.) **Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MAIS de R\$ 1 bilhão do Governo para as cidades vítimas da chuva. **Diário de Teresópolis**. Disponível em: <http://odiariodeteresopolis.com.br/leitura_noticias.asp?IdNoticia=16792>. Acesso em: 27 jan. 2011

MALTCHIK, Roberto. Governo antecipa pagamento do Bolsa Família na Região Serrana. **O Globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/01/14/governo-antecipa-pagamento-do-bolsa-familia-na-regiao-serrana-923507620.asp>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

NÚMERO de mortos na região serrana do Rio passa de 900. **Folha.com**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/876441-numero-de-mortos-na-regiao-serrana-do-rio-passa-de-900.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2011.

PAVARINO, Rosana Nantes. Teoria das representações sociais: Pertinência para a pesquisa em comunicação em massa. In: **Comunicação e espaço público**. Publicação do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação. Brasília: Universidade de Brasília, 2004, p. 128-141.

RJ: chuva em Nova Friburgo supera recorde histórico de 1964. **Portal Terra**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4898196-EI17544,00-RJ+chuva+em+Nova+Friburgo+supera+recorde+historico+de.html>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

ROCHA, Simone Maria. Estudos culturais e estudos de mídia: modos de apresentação dos sujeitos em programas televisivos. In: **Líbero** – Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. Ano XI, nº 21. São Paulo: Cásper Líbero, 2008, p. 87-98.

SOARES, Murilo César. Representações e comunicação: uma relação em crise. In: **Líbero** – Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. Ano X, nº 20. São Paulo: Cásper Líbero, 2007, p. 47-56.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.